

o Ponto de Vista

de Eduardo Prado Coelho

A invasão dos pedagogos

1 Quando os estudantes de Letras se agitam, a pergunta justifica-se: que se ensina em Letras? Que se estuda em Letras? Que se aprende em Letras?

Não pretendo que a casa fique arrumada, mas direi, para começarmos, que há três ordens de conhecimentos que se acolhem sob a designação de Letras e Ciências Sociais e Humanas: em primeiro lugar, temos a aquisição de certos códigos e linguagens, o que pode ir desde o Inglês ou o Romeno até à Paleografia; em segundo lugar, temos um espaço do saber que tem a ver com determinadas estratégias cognitivas para a apreensão, conjuntural e conjectural, do humano: Antropologia, Semiótica, Psicologia, Sociologia, etc.; em terceiro lugar, temos um tipo de conhecimentos que pertencem indiscutivelmente ao espaço de produção do sentido e do simbólico inerente ao equilíbrio de uma sociedade e à imagem do destino daqueles que nela vivem.

Se pusermos de lado esse plano da aquisição de técnicas linguísticas (e que é o que as Faculdades de Letras ensinam pior), temos de reconhecer que, em larga medida, tudo aquilo que ali se ensina se aproxima do inútil (são «ciências moles», dizem os epistemólogos, ou «letras são tretas», diz o cidadão comum), na medida em que não se traduz em matérias aplicáveis que produzam objectos concretos: nem pontes, nem carros, nem televisores, nem telefones, nem tanques de guerra, nem drogas contra a inóxia. Isto é, nada daquilo que faz parte das condições de felicidade da vida dos homens.

Mas, se pretendermos justificar o que se ensina nas escolas de Letras, temos de ser muito claros e radicais: ensina-se o mais difícil de ensinar, que é precisamente a importância do inútil. É uma estratégia errada tentarmos defender os estudos de Letras em função da pequena dose de matérias que têm uma razoável margem de aplicabilidade — esses campos, seremos sempre, alunos e professores, os parentes pobres de um sistema de ensino. É melhor ir pelo outro lado, e assumir sem complexos que não apenas se ensinam coisas inúteis, mas se ensina, acima de tudo, a lenta aprendizagem que cada pessoa deve ir fazendo de que o útil sem o inútil é ainda mais inútil.

2 É precisamente por isso que o ensino das Letras é algo de muito frágil e delicado, na medida em que tem de passar por aquilo que em cada um de nós é o mais íntimo de nós próprios, essa zona primordial e baluçante em que se decide que faz sentido tornarmo-nos aquilo que somos. A propósito da literatura, da arqueologia, da história da arte, da história da sexualidade, da análise das dinâmicas de grupo, dos estudos sobre a semiótica do corpo, das investigações sobre a história do teatro ou a importância do condicionamento geográfico ou os três estádios da vida em Kierkegaard, o importante é sempre alargar o espaço do partilhável em que o inútil se motiva em nós. O resto, se serve rasteiramente para alguma coisa, vem por acréscimo.

3 Concorde que, postas as coisas nestes termos, haverá sempre sorrisos de reserva condescendentes e estrondosas patadas pragmáticas. De acordo. Mas tornou-se-me relativamente incomodativo aceitar o raciocínio oposto, de uma evidente circularidade viciosa: isto que se ensina em Letras serve para formar professores que vão ensinar isto. Ou, se preferirem, um exemplo concreto: os professores de Letras ensinam Literatura para formar professores que vão ensinar Literatura.

Mas que faz a Literatura no meio de tudo isto? Existe apenas para ser ensinada? Existe apenas para garantir talhas profissionais? Seria absurdo. Na área da Literatura, como na da Arte, na da História ou na da Filosofia, não se trata apenas de ensinar, mas de transmitir, comunicar, partilhar. O que exige um ensino que seja uma relação efectiva de sujeito a sujeito, e uma imensa implicação do sujeito naquilo que transmite.

4 É aqui que surge a questão da Pedagogia. Jean-Claude Milner, em *De Héclo*, põs as coisas nestes termos: «Qualquer escola supõe que há saberes explícitos a serem transmitidos. De acordo. Mas daí não resulta que existam técnicas gerais, aplicáveis a todos, a tudo e em todas as circunstâncias, da transmissão; daí também não resulta que exista uma teoria geral da transmissão. A consequência lógica é tão pouco necessária que se pôde sustentar

a consequência inversa: há pessoas que afirmam que a crença numa teoria geral da transmissão e o interesse exclusivo pelas técnicas pedagógicas são o meio mais seguro para impedir qualquer transmissão efectiva».

Não nego a importância da aprendizagem de técnicas de ensino. Tenho apenas que uma mácia pedagógica do ensino das Letras acabe por deixar no ar a ideia de que tudo consiste em técnicas pedagógicas, de que assim se resolvem todos os problemas de transmissão. Recio que se repouse demasiado nelas, e que se esqueça que o literário é o que precisamente resiste às normas gerais de transmissibilidade, e que o essencial do que se ensina é o ensino dessa resistência (que é, ao mesmo tempo, o ensino do que em cada um de nós é único, idiomático, irredutível, corporal, inconsciente).

5 Algumas escolas de ensino superior da província começaram a ministrar cursos em condições de imediata profissionalização plena, isto é, permitindo aos que as frequentavam a realização durante o próprio curso do estágio de formação pedagógica. Estes alunos ficavam em condições de privilégio em relação aos alunos das outras escolas superiores que eram obrigados a fazer posteriormente a sua formação pedagógica nos estabelecimentos de ensino onde iriam trabalhar. Daqui resultou o desejo de reestruturar os cursos das Faculdades de Letras. Os representantes dos Conselhos Científicos de Lisboa, Porto e Coimbra acabaram por propor ao ministro um projecto de reestruturação que implica a criação futura de um ramo científico e de um ramo educacional.

No caso de Letras, a existência de um ramo científico tem reduzida eficácia do ponto de vista profissional. Dando, ou se cria um número de ramos educacional, e o ramo científico ficará como compensação para recolher os sobejos, ou se deixa os ramos sem número de ramos, e nesse caso a esmagadora maioria irá para o ramo educacional. Por conseguinte, o ramo educacional terá ou a maioria quase absoluta dos alunos, ou o conjunto dos melhores. O que significa que o essencial do trabalho das Letras será progressivamente moldado pela lógica reductora de que se trata de formar professores para o secundário. De um ponto de vista cultural e científico, uma tal perspectiva é, a médio prazo, um crime. O ensino das Letras tem por função criar pessoas cultas, informadas e sensíveis, que aprenderam a aprender, e que, por isso mesmo, estão em condições culturais de se tornarem múltiplas coisas, entre elas, professores. Mas o ensino das Letras não pode, sob pena de se autonegar na sua vocação essencial, pensar apenas na formação de professores. Quando se cre que o essencial é formar professores, é muito provável que se formem maus professores. Quando se pensa que o essencial não é formar professores, é muito possível que se formem bons professores.

6 Gostaria de Faculdades de Letras que não privilegiassem de modo obsessivo a Literatura ou a História, e estivessem disponíveis para a circulação de linguagens e sensibilidades que definem o mundo contemporâneo: as artes plásticas, o cinema, a televisão, o vídeo, o ballet, a ópera, a música, a moda, o design, o desporto, a comunicação social, etc. É nesse cruzamento impuro que estão as novas profissões da cultura. Gostaria de Faculdades de Letras que estivessem abertas aos criadores e à criatividade, e não fechadas na história e no comentário, e fossem assim capazes de trabalhar em conjunto com escritores, pintores, desenhadores, músicos, etc. Gostaria de Faculdades de Letras que deixassem a pedagogia para os lugares de profissionalização (porque é nessa prática que ela se pode aprender), e procurassem realizar aquilo que está mais ao seu alcance: manter uma relação viva e constante com todos os professores de todos os graus de ensino, através de frequentes iniciativas de reproblemática e reciclagem que, compensando a escassez de informações, a falta de publicações especializadas acessíveis, as carências das bibliotecas, permitissem tornar bem claro que nunca se aprende definitivamente, mas que a cultura e a ciência (e a própria pedagogia) são processos em permanente mutação, que precisamos de acompanhar ao longo de toda uma vida se não quisermos ficar ineiramente desarmados perante o mundo contemporâneo.



Die

1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
31

Universidade -
Opinão